



MADemoiselle NElly MARTYl, da Opera Comica
(cliché Reutlinger)

Segunda série - N.º 434

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 15 de Junho de 1914

Director e proprietario: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SEculo, 43

Edição semanal do jornal
O SEculo

Trimestre...	1\$20 cent.	Numero avulso
Semestre...	2\$40 "	10 centavos
Ano.....	4\$80 "	

Agencia da Ilustração PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8



Fabrica Palmeira

49

TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526

Caixa Postal 206

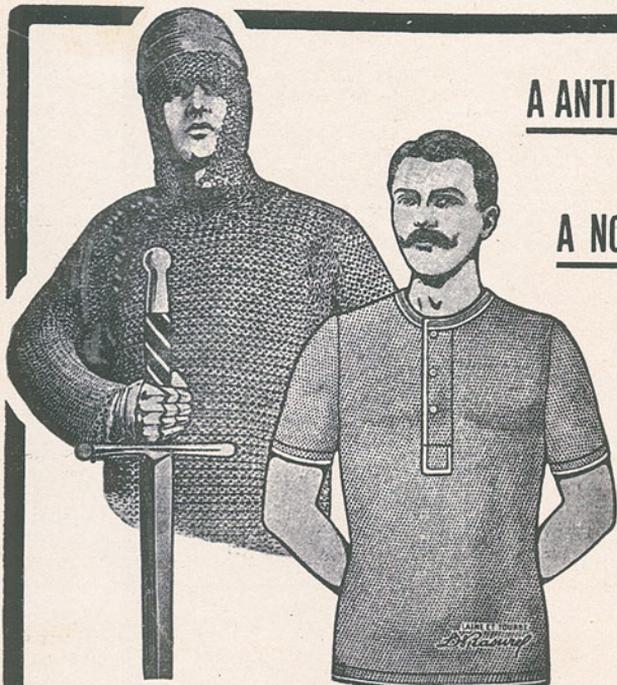
A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.

SECÇÕES DE

PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem **Bombons, Amendoas, Cacau-Leite** em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartonagem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ



A ANTIGA COTA DE MALHA

Era uma armadura contra os golpes ...

A NOVA CAMISOLA

DE MALHA

DO DOUTOR RASUREL

E' uma armadura contra os resfriados ...

UNICOS DEPOSITARIOS:

LISBOA:

Casa Pitta & C.^a, 195. R. Augusta, 197

PORTO:

Casa "Paris no Porto"

144, R. Sá da Bandeira, 146

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

15 - 6 - 1914

N.º 434

A arte de matar

A Inglaterra acaba de ouvir com assombro a opinião do maior dos seus almirantes acerca da guerra naval d'amanhã. Sir Percy Scott afirma que o submarino matou o canhão. As unidades navaes que não se submergem são unidades inúteis. Por conseguinte, os «dreadnoughts» e os «superdreadnoughts» estão condenados. E, admitido o principio de que um submarino não pode combater outro, a guerra dos mares será amanhã impossível. A confirmar-se a descoberta italiana d'um aparelho



que, pela acção das ondas hertzianas, faz explodir a distancia, a travez das mais espessas armaduras de aço, os paioes de todos os coucaçados e as munições de toda a artilharia, — a guerra será de futuro absolutamente impraticavel. Aperfeçoaram tanto a arte de matar, — que a tornaram inofensiva.

Foot-ball

Estamos positivamente na idade do muscullo. A atletica é uma obsessão. O «foot-ball» um delirio. A série de cinco desafios do «team» escossez do «Third Lanarck Athletic Club» no campo de Palhavã interessou vivamente o publico. No ultimo, os «players» escossezes fizeram quatro «goals»; os portuguezes, um. O «team» portuguez, tendo em consideração que os seus adversarios já jogavam o «foot-ball»

no ventre materno, deu-se por satisfeito com o resultado do «match», — e ficou a adextrar-se, em familia, n'esse singular jogo em que se aprende a complicada arte de levar encontros e de responder com sorrisos.



Sant' Antoninho

Passou ante-hontem o dia de Santo Antonio. Floriu-se a Praça da Figueira. Zangarrearam violas. Dançou-se e sapateou-se nas ruas.



O velho santo portuguez teve a sua festa de humildade. E ao evocar essa figura obesa e flaccida de franciscano onde resplandeceu o genio d'um dos maiores filosofos e d'um dos mais assombrosos oradores do seculo XIII; ao recordar, junto da sua estante de arquiabanco, com os olhos sobre as letras d'oiro d'um antifonário, esse moço cônego regante de Santa Cruz de Coimbra que o clarão da gloria levou até ás catedras de Bolonha e de Montpellier, — eu assombro-me da figurinha parva e risonha a que as agiografias tradicionaes reduziram a um dos maiores sabios da primeira renascença.

Arroz doce

A situação politica, sensivelmente agitada pela questão das quedas d'água do Rodam,

retomou a sua estabilidade. Continuum, entretanto, a correr boatos de alteração da ordem, — que não conseguem perturbar grandemente o filistino. Pergunta-se, á boca pequena, o que ha. O que ha?

Ha um paiz inteiro que quer resurgir, que quer trabalhar, que quer viver, que sente la-tejar em si energias novas, que aspira á tranquillidade como ao maior dos bens, e que pede pelo amor de Deus aos politicos e á politica o inestimavel favor de o deixarem em paz.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Hippolito Colomb).



A que passou

A tarde, muito suave, lembra, em clareza e em frescura, a mão de uma mulher doce e branca. Cubiçoso de outras paragens, mestre sol desce com pressa a caminho do mar, para embarcar, e o céu azul, sentindo, medroso, que vai

ficar só, dispõe-se a córar, enquanto não chegam as estrelas, abelhas dos sonhos.

No grande aposento de trabalho e de repouso, onde os janelões, de par em par abertos, vertem luz e aragem, acumulam-se os livros nas estantes atulhadas, ha quadros, desenhos, retratos nas paredes bem guarnecidas, obras em formação sobre cavaletes, e rosas amarelas desabrocham mais, ou morrem já, dentro de vasos de esbeto contorno.

Encostado á hobreira de uma das janelas, o artista fuma tranquilo, relanceando, de quando em quando, a rua pouco transitada.

Tentadora, e admiravelmente revelada n'um leve roupão de seda cõr de milho, que, vaporoso e amplo, se move doirado como a sombra balsamica de uma tilia no outono, a companheira do escultor agita-se nervosa, com belos gestos violentos, que lhe descobrem os braços alvos, e se adivinham irmãos d'aqule outro, supremo, que, a um canto, uma estatua exalça nua e gloriosamente: gesto impetuoso de um braço que, cheio de paixão, quer cingir o amado, mas cujo volutuoso impulso abate, com seus pesados élos intermináveis, a cadeia de chumbo do ciume.

— Porque a olhaste tanto, diz, ingrato? — interroga ela.

— Porque reparte, sem pejo, as caricias do teu leito?

— Porque jámais lhe ouviste uma palavra de amor?

— Ou, acaso, porque — e morreria então — é mais beia do que eu?

— Vamos, responde! Não ousas? Acobardas-te? Confessa, anda, declara, o que, n'ela, te seduziu mais do que em mim!

— Os seus olhos, gotas de anil sem brilho?

— O seu peito raso e sem frescura?

— Os seus falsos cabelos lindos, queimados do ferro e da tinta?

— Tudo isso, talvez! Talvez, coisa nenhuma... O que te prende, n'essa mulher, é ser outra, diversa, desconhecida. E' a feminina curiosidade da tua carne de homem, sei-o bem; o desejo de surpreenderes o seu corpo desconhecido, de provaras mais um beijo cujo gosto ignoras. Desleal!

— Enumera — escuto-o — o rol de prendas d'essa mulher cubiçada! Conta — quero ouvi-la — a beleza do teu ultimo ideal!

— E não respondes! Calas-te, porque não encontras a palavra, suficientemente mentirosa, que, antes de me convencer a mim, te persuada a ti proprio.

— Emudeceste? Pois bem; melhor me ouvirás!

— Pelo seu ar suspeito de provocação, a creatura que ainda agora te atraiu deve ter toda a perdida interessêira de uma mundana, sem nenhuma das sabias artes dos seus requintes. Iria jurar que é enxovalhada e avarenta, mentirosa como um céu de abril, fria como um inverno do norte, e má, inconsciente, fadadamente má, como os punhaes!

— Aquela mulher que passou ha bocado?
— Essa mesma.
— Era deliciosa.
— Atreves-te a gaba-la na minha frente?
— Digo, apenas, da beleza divina e tragica que possuia.

— Como a elogias?
— Recoido-a.
— Conhece-la?
— Conheci-a.
— Onde?
— A' beira do mar.
— E' casada?
— Um tanto ou quanto ..
— Tem filhos?
— Só cria paixões.
— E' rica?
— Sei, simplesmente, que era misteriosa
— Onde mora?
— Em mil desejos.
— E' loira?
— Nunca vi oiro mais luzente.
— Tem os olhos azues?
— Como fiascas electricas.
— E' alta?
— Chegava á beleza.
— Magra?
— Enchia todo um olhar.
— Perfuma-se?
— Adorava o cravo branco.
— Veste-se bem?
— Ninguém como ela se desnudava.
— E' branca?
— Como outra não havia.
— E chama-se?
— Chama-se agora «a maravilhosa».
— Maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa... E é a mim que o dizes? Ah! os artistas!

— Não penses mais n'ela. Que linda tarde, esta que morre! . . .
— Quem me dera a mesma sorte!
— Louca! Olha ali, no marmore claro, a gloria

— . . .
— Nos meus braços, ha novas palpações deliciosas sempre que te enleiam, e as minhas mãos só gostam de afagar, brandas e contentes, a tua face macia!



da tua nudez fascinadora! Que beleza vence a tua, para que te arreceias?

— E a da outra?

— Se foste tu quem eu elegi para reinar, em pessoa e em estatua, como carne e como ideia, n'este meu refugio de artista, que te importam as mulheres que passam na nossa rua ou na nossa memoria?

— Estás ainda pensando n'ela!

— . . .

— Sê franco!

— . . .

— Enganei-me?

— Não.

— Dize-me! Que tem ela que, no seu corpo, destrone o meu?

— . . .

— Repara na encosta suave dos meus hombros curvos, feitos para o amor suavissimo dos teus beijos!

— . . .

— Olha este colo fiel, que, agradecido, guarda o aveludado da tua boca!

S. S. S.

—...
—Nota, no meu busto, o molde que lhe deste,
ao abraça-lo! Não vês, na minha cinta, o vinco,
fremente ainda, do gesto com que a envolves?

—«A maravilhosa»—vaes-te rir—é o titulo de
um monstro que o Balbino Amaral expoz na So-
ciedade Nacional.

—Um quadro?



—E quem te diz que não te prézo entre os
prodigios maiores da arte humana?
—Mas pensas sempre na outra!
—Qual outra?
—A maravilhosa.

—Atendendo á moldura...
—E o modelo?
—O modelo era uma linda
mulher de ha dez anos.
—Quando a conheste?
—Não. Quando a deixei.
—Porque o não disseste antes?
—Porque o teu ciume—oh! idolatrada!—perfu-
ma o nosso amor ainda melhor do que estas rosas
amarelas o ar que estamos respirando...

MANUEL DE SOUSA PINTO.

A Exposição de Fotografias artisticas d'Alvão

NO SALÃO DA «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

A' hora em que este «magazine» sair a publico ter-se ha encerrado no nosso salão de festas, que os maiores artistas nos tem dado a honra de preferir, uma das mais belas e mais portuguezas exposições de arte que temos tido o prazer de admirar. O ilustre fotografo portuense sr. Domingos Alvão, expondo em Lisboa cêrca de duzentos admiraveis exemplares dos seus estudos de paizagens, figuras e costumes das nossas provincias do Minho e Douro, não só entu-



«O forno»

siamou os milhares de pessoas que atenta e alegremente passaram perante as expressões vivas e insinuantes que o seu talento soube realisar, fez mais: conquistou esse publico, o qual difficilmente se poderá esquecer de que lhe deve algumas horas de verdadeiro prazer espiritual e, igualmente, uma nobre e airosa lição de nacionalismo.

Marcou, sem duvida, um autentico sucesso, esta exposição a todos os titulos brilhante, e a maior que no genero se tem



«Madrugada»



«Pelo caminho.



«Na eira»

realizado em Portugal. E isso enche-nos de prazer, traz a esta casa um justificado título de gloria, pois que é sempre uma prova de orgulho ver como um publico illustre, tendo diante de si um artista que o é pelo seu talento e conhecimento tecnico, o aplaude incondicionalmente, admirando o segredo singular com que Alvão,



na ingrata obra da fotografia, consegue dar-nos verdadeiros quadros de genero, nos quaes, pela felicissima distribuição de luz, as figuras rusticas, abraçadas no delicado ambiente das paizagens, adquirem um relevo e um movimento egual áquele que se admira quando tocado nos mais belos quadros, pelos mais insignes artistas. E' por isso que a exposição de Alvão nunca esquecerá.

«Linho novo»

(Clichés de Alvão).



A FLORESTA

Foste de novo, minha doce amiga,
Com os teus olhos cheios de saudade,
N'um dia de amorosa suavidade
Passar, sonhar, pela floresta antiga.

E no ramo d'um álamo beijaste,
Com a saudade toda do teu peito,
As letras do meu nome que foi feito
Para a tua alma, como tu sonhaste!

Hora divina aquela em que eu passei
N'essa floresta e alegre imaginei
O encanto do teu beijo no meu nome;

E ao gravá-lo no claro tronco altivo,
Soube esquecer que o tempo fugitivo
Florestas e paixões... tudo consome...

MARIO PACHECO.

El catastrophe do Porto Amelia

A radiografia na sua util missão de rapida transição dos casos sensacionaes occorridos nas diversas partes do globo, annunciou ha dias a grande catastrophe que no curto praso de algumas horas, transformou n'um montão de ruinas a florescente vila de Porto Amelia, capital dos territorios da Companhia do Niassa, inutilisando por completo a obra de muitos anos, semeando a miseria e tornando nulos os esforços e sacrificios de muitos. Os prejuí-

vasta entrada de 3 kilometros de largura e que no interior possui sete milhas de raio, a agua agitava-se em grossas e revoltas ondulações balouçando desordenadamente as embarcações ali fundeadas. Pelas dez e meia foi a vila batida por um violento ciclone que meteu no fundo algumas embarcações, lançando á praia outras, arrancou arvores de grande diametro e destelhou casas, arrancando as varandas da residencia do cidadão Torres, diretor da

fazenda da Companhia que a custo conseguiu salvar-se com sua esposa e filhinhos, desmoronando-se em seguida as paredes que inutilisaram todo o mobiliario.

A chuva torrencial, soprada pelo vento sul continuou todo o dia, não fazendo comtudo prever novos e maiores desastres, procurando todos evitar a inundaçãõ das



Residencia do governador e a fazenda antes do ciclone.

zos por parte da citada Companhia e dos restantes habitantes ascendem a algumas centenas de mil escudos.

O laconismo com que a noticia appareceu nos «placards» e nos jornaes, apesar de apenas registar a morte de indigenas e asiaticos, foi sem duvida alarmar as muitas familias dos individuos ali residentes,

pela enormissima desgraça e pela ignorancia da situação d'esses entes queridos.

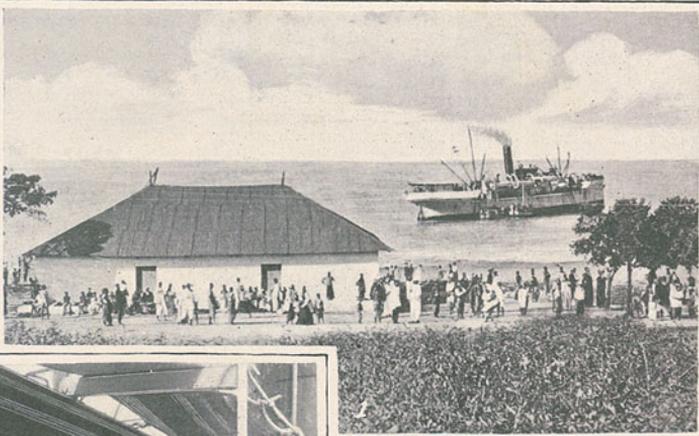
Quatro dias apenas passados sobre a catastrophe, chegámos ao local do sinistro, conseguindo d'esses e d'outros, ainda não refeitos da tremenda impressãõ sofidã, os seguintes pormenores:

Amanheceu o dia 12 de abril (domingo de Pascoa) nublado e por vezes chuvoso, soprando vento rijo; na magnifica bahia que tem uma



Depois da catastrophe: a residencia do governador

casas ocasionada pela violencia da chuva; pelas 17 horas e quinze minutos, a escuridãõ invadiu o espaço, sentindo-se extraordinario barulho do mar revolto, o que em todos causou profundo terror, pois ninguem duvidou de maiores desastres. Assim foi: segundos passados, novo ciclone, mais impetuoso, acompanhado d'uma tremenda e medonha tromba de agua sacudiu a vila submergindo-lhe a parte baixa. Em breve espaço de tempo, os telhados de to-



das as casas, repartições, estabelecimentos e armazens voaram pelos ares, arremessados a grande distância ficando reduzidos a ruínas as trinta e tantas casas ali existentes, o caes, faroes e lançados por terra dentro mais de trescentos metros, varios «pangaios», grandes embarcações da India, que carregados, aguardavam para transbordo os vapores,

perdendo-se tudo. Pode calcular-se o transe angustioso dos infelizes habitantes de Porto Amelia!

Creanças, senhoras e homens, transidos de medo, procuravam animar-se, sem comtudo manterem esperanças de salvação.

Espavoridos, abandonando as casas, procurando a custo reunirem-se, sem poderem manter-se, tal era a violencia do vento, deitavam-se por terra, quando não eram bruscamente arremessados, agarrando-se a tudo que oferecesse resistencia e procurando evitar as chapas de zinco que n'uma ameaça terível, cruzavam em todos os sentidos os ares.

Assim conseguiram escapar como por encanto, registando-se apenas entre os europeus simples contusões; outro tanto, porém, não succedeu aos indigenas que loucos, n'uma ancia de salvação, corriam a procurar abrigo junto das paredes e que eram por elas sepultados, encontrando-se os seus cadaveres em posições angustiosas demonstrando o imenso terror dos infelizes.

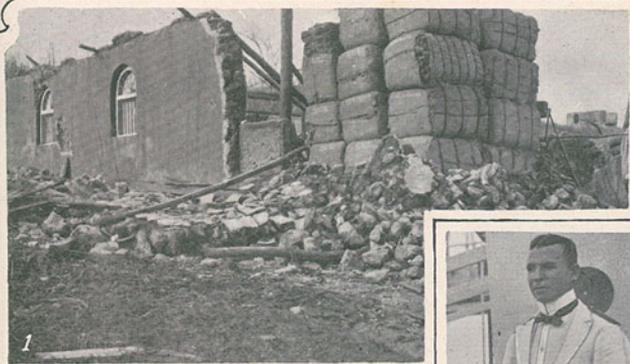
No lado oposto da formosa bahia, n'um lugar denominado Bandóre, onde existia uma importante povoação comercial explorada por asiaticos que ali residiam com suas mulheres e filhos, a agua submergiu toda a povoação que desapareceu com os seus 14 habitantes.

Não será exagero avaliar o numero das victimas superior a quatrocentas. Um horror difficil de descrever e bem facil de calcular.

As vagas alterosas, atingiam as proporções de elevadas montanhas, vindo que-



1. Armazens d'alfandega antes do d'sastre.—2. O comandante do «Luabo» que levou os socorros, sr. Augusto Gazul Santos
3. «Pangalos» da casa W. Philips destruidos n. praia.



1. Armazens da casa W. Phillips depois da catastrophe.



2. Comissario do «Luabo» sr. Antonio Santos, autor dos «clichés» que acompanham este artigo. 3. Avenida Doutor Centeno antes do ciclone.



brar-se impetuosas na praia, desfazendo tudo quanto proximo se encontrava. Os faroes, quer o da Ponta Lidi-Oli quer o da Ponte Ponte Maunhane, e as boias, ficaram por completo destruidas.

Nas povoações dos pretos e no Lurio a catastrophe foi ainda maior, se possivel é. A agua da bahia, crescendo, tudo inundou, levando na sua vertiginosa furia dezenas de individuos que breve morriam.

Passado o terrivel momento, durante o qual se registam casos de heroismo, reuniram-se todos no quarto do comandante da policia, alferes Andrade, que por ser coberto com um terraco escapou, bem como outro existente nas trazeiras da residencia do

governador. Ali se amontoaram senhoras, creanças e homens, com agua a mais de vinte centimetros, animando-se mutuamente entre lastimas de tudo haverem perdido e temendo maiores desastres. Assim passaram a noite de 12 para 13.

Dia e noite, terriveis, em que o vento da desgraça e da devastação continuou e furiosamente soprava acompanhado de fortes bategas de agua.

Aboletada a população no compartimento da policia, immãmente todos compartilharam do escasso rancho mal cosinhado

Entrou em 13 na bahia o vapor «Gertrudes Werman» da D. O. A. L. que não se demorou temendo a descida rapida do barometro e ofereceu alguns mantimentos e convidou os habitantes a seguirem para Zanzibar, aproveitando-se apenas o dr. Doria que por se achar bastante doente para ali seguiu.



4. Armazens, correlo e fazenda da Companhia do Niassa depois da catastrophe.

Em 14 demandou a barra indo fundear na baía, em frente da desmornada vila o magnífico paquete da «Union Castle» «Llanstephan Castle», abarrotado de passageiros. Em presença do imenso desastre todos n'um cativante impulso pretenderam prestar serviços aos sobreviventes, na impossibilidade de entrar a barra do Ibo, pretenderam transportar todos para Zanzibar e, como a oferta não fôra aceite, por todos aguardaram o «Luabo» da Empresa Nacional, que deixou em terra grande e variada quantidade de viveres, roupas e uma embarcação salva-vidas, visto não haver escapado um escalor sequer. Expediu varios telegramas e não tendo mais socorros a prestar, abandonou o porto, aproximando-se da barra do Ibo, para onde estive comunicando o desastre pelo semaforico. O procedimento do comandante, officialidade, passageiros do «Llanstephan Castle», deixou penhoradissimas todas as victimas de Porto Amelia.

A demora do vapor «Luabo» tornava quasi insustentavel e bastante perigosa a situação dos infelizes, a salubridade estava ameaçada, faltavam os confortos mais rudimentares. Em 16 pelas 9 e meia da manhã, imensa alegria se espalhou n'essa gente; avistava-se navegando em direção ao porto o desejado navio, a bordo do qual era ainda ignorada a catastrophe, rapidamente adivinhada pela derrocada dos faros e construções que os binoculos de grande alcance, proximo reproduziam. O espanto e o pezar, que o triste espectáculo, em todos causou, aumentavam á medida que se aproximavam de terra, supondo-se enorme o numero de victimas, tal era o montão de ruinas.

O comandante sr. Augusto Gazul dos Santos, um novo, simpatico e destemido marinheiro a quem as furias do mar, não conseguem amedrontar, succumbido perante tamanha desgraça, ordenou que fosse posta a meia haste a bandeira nacional e atento na ponte procurava os fundeadores, ordenando que fossem lançadas ao mar todas as balieiras de bordo.

De terra navegava em direção ao



Boabá destruída pelo ciclone. Em frente da arvore o inmediato do «Luabo» sr. João Augusto Guedes Pinho.

orgulho da nossa raça, cujos caracteres são primorosos e requintados de bondade, d'essa bondade não apregoadá, espontanea, nobre e singela, reunidos em curta conferencia, resolveram receber toda a gente a bordo, fornecendo-lhes comida, co-forto e passagens não inquirindo se tinham ou não com que saldarem a despeza, que já entre si tinham resolvido custear, para que a Empresa não fosse prejudicada, o que não foi preciso, visto todos pagarem.

Ali se conservou o «Luabo» dia e meio, n'uma labuta intensa de todos os de bordo no transporte de gente, das avariadas bagagens e de desconjuntados moveis, que tudo transportou para o Ibo, onde provisoriamente se vae estabelecer a sêde da administração da Companhia do Niassa.

Os socorros dispensados pelo comandante sr. Gazul dos Santos e pelo commissario sr. Antonio dos Santos. foram tantos e tão desvelados que todos se acham penhoradissimos, bendizendo a Empresa Nacional, tão dignamente representada por esses dois bravos e modestos marinheiros, dois benemeritos dignos de que o governo da Republica premeie, tanta dedicação, tanto zelo, tanta humanidade.



O edificio destruído da Companhia do Niassa

vapor a canôa cedida pelos ingleses a qual breve acostou, entrando a bordo com os fatos em desalinho, n'uma ancia de comunicarem e trocaram impressões os cidadãos Torres, diretor da fazenda, Andrade comandante interino da policia, Armando Pestana, Vichenas, Henrique Palma, Barreiros Neto e Brito, que pediram a demora do vapor para embarcarem todos para o Ibo.

Comandante, immediato e o commissario sr. Antonio dos Santos, tres portuguezes,

Porto Amelia, bordo do «Luabo» um passageiro

Reilemac.

Os clichês são do distinto fotografo amator sr. Antonio dos Santos commissario do Luabo.

O concerto pelas alunas da ilustre pianista sr.^a D. Adelia Heinz no Salão da "Ilustração Portuguesa"



A ilustre pianista sr.^a D. Adelia Heinz

A festa das alunas da distinta professora do Conservatório, sr.^a D. Adelia Heinz, realizada no salão da «Ilustração Portuguesa», foi, por todos os motivos, digna dos aplausos entusiásticos que dispensou á ilustre pianista e ás suas discipulas, a seleta assistencia do esplendido concerto.

2. D. Clarisse Julia Alves Valadares. 3. D. Judit de Souza Melo. 4. D. Ilda Achemann Perelra da Silva. 5. D. Judit Soares Sanches. 6. D. Luíza de Carvalho. 7. D. Emilia Rosa Alves Valadares. 8. D. Zehila V. Pessoa. 9. D. Georganna Martins Soares. 10. D. Estela Martins Soares. 11. D. Maria Vaz Pereira Simeão. 12. D. Marieta Quadros de Carvalho. 13. D. Maria Virginia de Castro Granado. 14. D. Maria Irene Pinho. 15. D. Celeste Tereza Alves Valadares. 16. D. Olinda de Carvalho Nunes Caetano. 17. D. Maria Livia Ramos. 18. João de Deus Ramos. 19. D. Henriqueta Armanda d'Agullar Santos. 20. D. Maria do Carmo Ramos. 21. D. Maria da Nazaré Ramos. 22. D. Nerina de Souza Melo. 23. D. Maria Helena Dias Rocha.



Um trecho da assistencia ao concerto pelas alunas da distinta pianista D. Adella Helnz no Salão da «Ilustração Portuguesa».—(Cliché de Benoitel)

FOTOGRAFIA ARTÍSTICA



1. «Um mendigo»—(«Cliché» do distinto fotografo amator sr. Francisco Viana.)
2. «Rosas»—(«Clichés» do distinto fotografo amator sr. Valeriano de Matos)



3. «Lavadeiras de Mafamude»—(«Cliché» do distinto fotografo amator, do Porto sr. Eduardo Paulo)

Uma festa desportiva no «Stadium» de Roma



Uma formatura antes de se iniciarem os exercicios



As professoras distribuindo pequeninas medalhas comemorativas do «Natal de Roma».

Como já sabem pelo «Seculo» os leitores da «Ilustração Portugueza», o sr. José Holtreman Roquete (Alvalade), que muito se tem dedicado ao estudo e aperfeiçoamento do «sport» em Portugal, projeta para breve a construção em Lisboa d'um «Stadium», occupando uma superficie de 30.000 metros quadrados e comportando mais de 10.000 pessoas.

A patriótica e benemerita iniciativa do sr. Holtreman Roquete é merecedora de todo o elogio e prestará, sem duvida, ótimos serviços á causa do «sport» em Portugal.

A proposito, pareceu-nos interessante dar na «Ilustração Portugueza» a reportagem fotografica da brilhantissima festa desportiva que ultimamente se realisou no «Stadium», de Roma, e em que tomaram parte milhares de creanças das escolas primarias municipaes da mesma cidade.

A brilhantissima festa desportiva, que em todos os jornaes foi celebrada, organisou-se para comemorar o chamado «Natal de Roma», quer dizer, para comemorar o aniversario da fundação da velha «Cidade dos Cesares», a qual, segundo a tradição historica, principiou a edificar-se ha 2668 anos ou 754 anos antes da era cristã!

No «Stadium» reuniram-se sem exagero, mais de 30.000 pessoas ávidas de admirar os belos exercicios ginasticos, executados sempre com singular precisão e grande enthusiasmos, por milhares de creanças de ambos os sexos. A nossa reportagem fotografica da brilhantissima festa desportiva é talvez sufficiente para os leitores da «Ilustração Portugueza» verificarem a imponencia com que ella decorreu.

Oxalá, pois, que a patriótica ideia do sr. Holtreman Roquete, de dotar Lisboa com um magnifico «Stadium», seja em breve levada felizmente á pratica, a fim de lá terem logar festas desportivas tão interessantes e vantajosas para o aperfeiçoamento da educação fisica em Portugal, como aquella a que nos referimos e patrioticamente recordou a fundação da «Cidade Eterna». Como o «Seculo» observou ao noticiar a iniciativa do sr. Holtreman Roquete é natural que o Estado dispense á construção do «Stadium» de Lisboa, todo o seu apoio e auxilio. Assim acontece no estrangeiro quando surgem iniciativas d'esta natureza.

O «Stadium» adaptar-se-ha ao treino de toda a mocidade das escolas, quer officias, quer particulares, que decerto se utilizarão d'este verdadeiro instituto de educação fisica garantindo a saude e a robustez áqueles que constituem o futuro da nossa patria.

CONCERTO PEDRO BLANCO NO PORTO



1. D. Judit Leite Rodrigues.
2. O maes'no sr. Pedro Blanco.
3. D. Maria Sen-din.
4. As discipulas que o illustre professor apresentou no salão nobre d'Assembleia Commercial: D. Esmeraldina Machado, D. Ester



Brandão, D. Alice Miranda, D. Amelia Figueirôa, D. Maria M. d'Azevedo e D. Matilde Branco. Em baixo: D. Izabel M. Branco, D. Catarina Moraes, D. Inacia Gonçalves, D. Ramira M. Branco.



5. D. Silvia Vieira Dias.
8. D. Haydte Duarte.

7. D. Luiza Brandão.
10. D. Augusta Brandão.

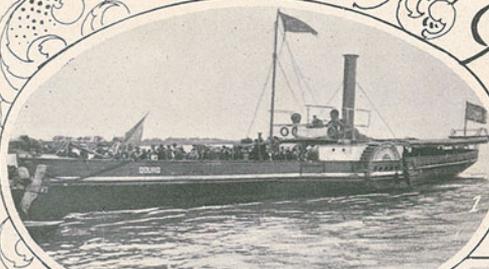
O illustre professor hespanhol Pedro Blanco, fez de Portugal uma patria nova e do Porto uma terra enternecidamente amiga. Ali tem mostrado todos os recursos da sua arte e todas as suas brilhantes qualidades de professor magnificamente demons-



tradas agora no concerto d'apresentação d'algumas das suas discipulas.

Com as justas apreciações da critica recebeu Pedro Blanco inesqueciveis provas de dedicacão e amizade dos seus alunos.

A Cintra do Ribatejo



da capital, com facilimas comunicações pelo caminho de ferro e um porto fluvial de primeira ordem, possui Vila Franca todos os requesitos indispensaveis para atrair foras-

Para uma grande parte da população alfacinha não é, certamente, desconhecida a visonha povoação ribatejana de que hoje apresentamos alguns aspectos aos leitores da «Ilustração Portuguesa». Referimo-nos a Vila Franca de Xira, terra modernizada e cheia de encantos, que o lisboeta prefere — depois de Cintra e Cascaes — para as suas excursões de recreio, quando pretende lavar os pulmões com o ar puro das montanhas ou retemperar-se das fadigas incessantes de uma vida de apouqueação e de trabalho.

Situada a 31 kilometros



1. Vapor com excursionistas atracando ao caes. 2. Os excursionistas em passeio. 3. Na romaria do Senhor da Boa Morte.



glorioso batalhador que tanto elevou o nome portuguez, tem ela, a par dos seus encantos naturais, a caracteristica do meio puramente ribeirão, com os seus costumes e tradições, onde intellectuaes e artistas muito pôdem aprender, no louvavel desejo de produzirem trabalhos cheios de vida e de côr, com um fundo genuinamente nacional.

Centro agricola de extraordinaria importancia

teiros que aqui afluem com frequencia desde que apparecem os primeiros calores, dando a esta pitoresca povoação ribeirinha um aspéto de festa e alegria a que os seus habitantes já estão, por assim dizer, afeitos, e que, por forma alguma, deverão deixar de manter, concorrendo sempre com o mais justificado entusiasmo para o aperfeiçoamento moral e material da sua terra. Patria de Afonso d'Albuquerque, o



Nos arredores de Vila Franca.

tendo a sua principal fonte de riqueza nos uberrimos terrenos das lezírias do Tejo, é Vila Franca uma terra de trabalho e de constante atividade, sem que, todavia, os seus naturaes deixem de organizar durante o ano algumas diversões que muito teem concorrido para o desenvolvimento do seu comercio, atraindo aqui milhares de pessoas de todas as classes sociaes.

São dignas de referencia as chamadas festas de Maio, com os seus interessantes cortejos agricolas, a tradicional romaria ao Monte do Senhor da Boa Morte, que este ano revestiu extraordinario brilhantismo, a feira de Outubro e respestivas touradas, etc.

Pelo Tejo veem até aqui, aos domin-



3. Excursionistas passelando na vila.
..(clichés do autor)

1. Colegtaes em passeio na vila.
2. Jardim municipal.

gos, vai foz vapores com excursionistas de que damos um instantaneo digno da atenção dos leitores d'esta revista.

Alguem chamou já a Vila Franca a «Cintra do Ribatejo». Abstraindo o que haja de excessiva galanteria em tão gentil cognominação, temos de confessar que, sem possuir a doce amenidade e extraordinarios encantos da deliciosissima estancia cantada por Byron, é no emtanto digna da visita dos que queiram transpôr os muros da capital, a lavar o s pulmões no ar puro das montanhas, a retemperar-se das fadigas incessantes de uma vida de apoquentação e de trabalho. Vila Franca.

Maio de 1914.
Faustino dos Reis Souza.

Os melhoramentos do Estoril



A iniciativa particular, tão mesquinha e pobre em Portugal, e ainda fiada nas suas raras tentativas pela asfixiante engrenagem burocratica, acaba de se aventurar na mais ousada empreza a que já máis portuquezes se afoitaram.

Fazer surgir como por encanto, subitamente, a golpes de ouro e de arrojo, palacios, jardins, parques, tal é o formidavel plano, de uma audacia que maravilha, de uma grandiosidade que deslumbra.

Em Portugal?

A dois passos de Lisboa, no ridentissimo Estoril, essa estancia deliciosa, aonde acorrerá toda a sociedade nomada que se diverte e espalha o ouro ás mãos cheias.

O Estoril, estação marítima, termal, climaterica e desportiva não é um belo sonho; o Estoril rival de Nice e Monte-Carlo, centro cosmopolita de luxo e de prazer, é um facto em via de realisação.

N'este momento, já quatrocentos operarios, que em breve serão mil, se occupam n'essa creação maravilhosa, que compreende tres grandes hotéis, um dos quaes de grande luxo, um casino monumental com teatro anexo, um estabelecimento termal modular, dois edificios proprios para lojas de artigos elegantes, um estabelecimento para banhos de mar, um café, um palacio de desportos, campos para todos os jogos de ar livre, um circuito de «golf» de cinco kilometros de desenvolvimento, um dique-passeio, um magnifico parque, jardins e... um posto me-

ração das varias partes do vastissimo todo faz vertigens, estará concluido em dois anos!

Esta extranha rapidez de construção não é, decerto, a menos importante e admiravel festa do grandioso plano; vê-se bem que os arrojados empreendedores pertencem àquela raça de homens de energia, tão raros entre nós, em quem a ação se segue imediatamente á idéa.

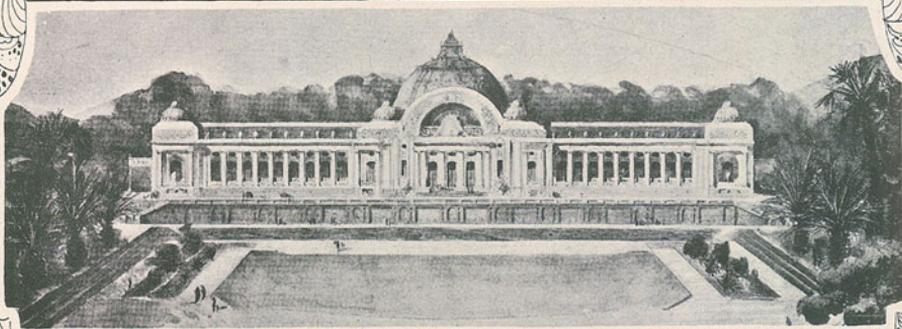
O Estoril «rendez-vous» do turismo universal!

Este pobre Portugal, tão afastado da verdadeira civilisação, cuja senda veio seguindo a distancia, trôpegamente, vae vêr abrir-se a porta rasgada e ampla por onde ela penetrará, trazendo consigo o conforto e o bem estar, a arte e a elegancia.

Poi essa Porta do Mar, soberba e magnifica, o ouro entrará a flux, a jorros, vivificando a economia nacional, transformando a rotina em progresso.

Sob tão poderoso influxo, Lisboa tornar-se-ha a capital digna da Europa que ha muito deveria ser, valorisando as suas naturaes belezas; e, como os aureos tempos da India, ela será a cidade abundante e cosmopolita, preguiçosamente estendida ao longo dos seus sete outeiros!

E, assim, esta forte e patriotica iniciativa tendo imitadores, que saibam aproveitar os melhores frutos do paiz, virá a ser porventura o principal fator do rejuvenescimento de Portugal, da sua definitiva adaptação á epoca, da sua radical transformação, equiparando-o ás nações verdadeiramente cul-



1. A estação marítima, climaterica, termal e sportiva do Estoril. Fachada oeste do projetado Palacio Hotel sobre o parque.—2. Fachada do Casino sobre o parque.

tereologico. Pois este colossal empreendimento, que abrange tudo quanto pôde exigir-se em estabelecimentos d'este genero, tão complexo que só a enu-

tas e verdadeiramente grandes. Em 1916, um dos principaes centros de luxo e de prazer de todo o mundo ás portas de Lisboa... O belo sonho tornado realidade!

FIGURAS & FACTOS

O illustre escritor sr. dr. Julio Dantas acaba de publicar um volume, sob o suggestivo titulo de «Figuras de hontem e hoje», parte das cronicas semanais enviadas ao nosso distinto colega o «Primeiro de Janeiro, do Porto. Simultaneamente obra de literatura e ciencia, o belo volume do nosso talentoso colaborador irá merecer, o mesmo e forte interesse com que anteriormente era procurado nas suas cronicas da «Quintas-feiras.»



A conferencia do sr. dr. Manuel de Souza Pinto ácerca de «Tirso de Molina, Portugal e as portuguezas» realisada no teatro Nacional foi mais uma manifestação de quanto é belo o seu talento de investigador, pois sabe exteriorisar o passado veneravel na mais pura linguagem.

A assistencia assim o compreendeu fazendo uma ovação ao illustre autor da conferencia agora publicada em volume.



1. Sr. dr. Julio Dantas, autor do livro «Figuras de hontem e de hoje. 2. Sr. dr. Manuel de Souza Pinto, autor da conferencia «Tirso de Molina, Portugal e as portuguezas»
3. Edgar Prestáge, autor do livro «Francisco Manuel de Melo».
4. O grande critico francez dr. Henry Roujon, recentemente falecido. 5. Sr. Albino Forjaz de Sampaio, autor do livro «Gente da Rua»



6. Na excursão de propaganda do «Esperanto» á villa de Santa Cruz da ilha da Madeira promovida pelo grupo «La Madeyra Verda Stela»: A comissão promotora estando entre ella o presidente da Camara sr. Carlos Menezes Vaz +, os corpos gerentes do grupo e varios cultores da lingua universal.—(Cliche do distinto amator sr. João Gonçalves, do Funchal)



«Pic-nic» de confraternização familiar realizado na quinta de Santa Cruz do Bispo por vinte e cinco famílias que foram para ali do Porto em comboio especial.
 («Cliche do distinto amador sr. Joaquim Marques Lima.»)



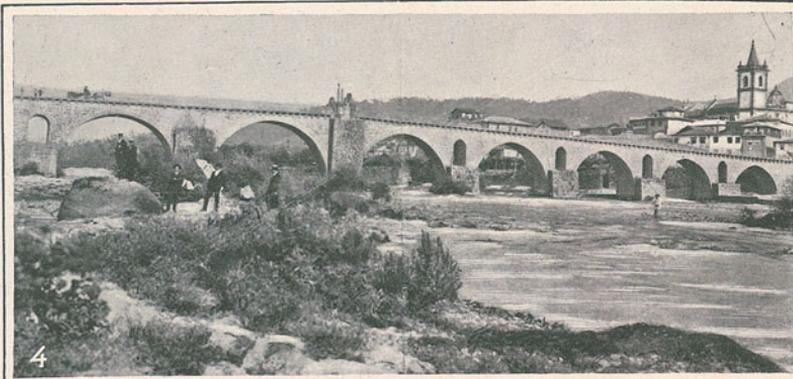
As tricanas d'Aveiro com os estudantes da Escola Pratica de Agricultura em Santarem por ocasião das festas d'aquella cidade.



1. Inauguração do caminho de ferro de Santa Margarida a Longra, quarto troço da linha de Penafiel á Lixa. A chegada do comboio inaugural.



2. Aspêto do rescaldo no vapor «Germania» que durante dez dias navegou com fogo a bordo.
3. Aspêto do incendio d'um barracão onde estavam instalados alguns estabelecimentos, em Braço de Praca. (Clichê de Benoliei)



4. Ponte sobre o rio Lima em Ponte da Barca.—(Clichê do distinto fotografo amador sr. Artur Alves.)

A comissão da colônia portuguesa de S. Francisco da Califórnia, que veio tratar de angariar adesões dos núcleos comerciais e industriais e auxílio do governo para as instalações nacionais na exposição Panamá-Pacífico, presta um relevante serviço ao país, pois Portugal é dos povos que mais tem a lucrar com o início d'aquela obra monumental que emfim se realisa.

Depois de terem tratado em Lisboa das



A comissão da colônia portuguesa de S. Francisco da Califórnia, que veio tratar da exposição Panamá-Pacífico, a bordo do «Funchal» onde seguiu para os Açores.

medidas a tomar, partiram para os Açores, a bordo do «Funchal» os srs. dr. José de Sousa Bencourt, Francisco Inácio de Lemos e Joaquim A. da Silveira, que são os comissionados que devem obter na terra da sua naturalidade, sempre pronta a auxiliar todos os empreendimentos, o apoio moral e material que a sua iniciativa patriótica merece.



A inauguração do bairro operário de Bomfim mandado edificar pelo «Comércio do Porto» em comemoração do seu 60.º aniversário.

Os novos cardeaes



1. Cardeal Ludovico Begli, arcebispo de Quebec.—2. Cardeal Francisco de Bethuper, arcebispo de Monaco.—3. Cardeal João Csemoch, arcebispo de Sirigonia.—4. Cardeal Giacomo della Chiesa, arcebispo de Bolonha.—5. Cardeal Aldano Gasquet, presidente da congregação beneditina Injeza.—6. Cardeal Filipe Giustino, secretario da congregação do Sacramento.—7. Cardeal Vitoriano Guisasaola y Menendez arcebispo de Toledo.—8. Cardeal Felice Hartmann, arcebispo de Colonia. 9. Cardeal Miguel Lega, conego vigario de Santo Eustaquio.—10. Cardeal D. Antonio Mendes Iselo, patriarca de Lisboa. 11. Cardeal Gustavo Piffi, arcebispo de Viena.—12. Cardeal Domingos Serafini, arcebispo de Espoleta.—13. Cardeal Irencio Sevin, arcebispo de Lon.—14. Cardeal Scpião Techl, conego de S. João de Latráo.—15. O Vaticano.

A romaria de Matosinhos

Inquestionavelmente, é a terra de Entre-Douro e Minho a que oferece aos olhos estaticos do turista as mais lindas e variadas paisagens portuguesas, e que procria a gente mais divertida, mais foliona, mais alegre de todo o paiz. Foi talvez observando os usos e costumes das povoações do Norte que os francezes engendraram esse velho e tão verdadeiro proverbio: «Les portugais sont toujours gaiis.

Porque o Norte é a terra por excellencia das romarias, das grandes festas semi-pagãs, em que a superstição e a lenda se enlaçam como a crença e o culto, arrostando, em certas epochas, povoações, vilas, cidades, provincias inteiras para os logares quasi sagrados que a tradição consagrou e a religião

floriu de rosas e de esperanças, n'uma suave aureola de sonho.

No Porto, principalmente, é agora a epocha dos folguedos, das danças, dos descantes, uma onda de esquecimento envolvendo todos os pesares e melancolias, uma alvorada clara esparecendo o lado sombrio da vida, parecendo que a existencia não é essa coisa pessima que tantos detestam e de que muitos procuram libertar-se, mas apenas uma interminavel fiada de sorrisos, uma fonte inexausta de prazer.

Na primavera, as romarias succedem-se ali com pequenos intervalos, todas ellas atraindo concorrência extraordinaria. Citando apenas as que ficam mais proximas da cidade, vem um rosario enorme... a



1. Sob as carvalheiras á hora da merenda.—2. Um aspe:o do arratal.



da Cruz, de Barcelos. O primeiro apareceu sem um braço, que uma mulhersinha do povo encontrou mais tarde, e que aproveitou com outra lenha para aquecer o forno. Mas o braço, gostando pouco do calor, saltou fóra da fomalha infernal, e deu-se o estranho caso de a fomalha se apresentar laivada de sangue... O grande, o espantoso milagre!

E diz ainda o povo que as tres imagens, que ele muito venera, são irmãos. Vieram d'alguma terra cristã, quem sabe d'onde, que os infieis devastaram, arrasando e incendiando as igrejas, arremessando os santos ao mar.

E pelas estradas poeiantas, polvilhadas do sol, nos adros largos que a relva atapeta e as arvores ensombriam, n'uma ronda sem fim, as moças do Minho ainda hoje cantam, n'uma toada gritante e clara, ao som do harmonium, dos ferriños, do pandeiro e da viola, aquela antiga quadra popular:

O Senhor de Matosinhos
Escreveu para o de Fão,
O de Fão pr'o de Barcelos,
Que de todos era irmão...

Senhora da Hora, o Senhor de Matosinhos, o Senhor da Pedra, o S. Bento dos Peros, a Senhora do Pilar, Sant'Ana d'Oliveira e tantas outras. E tem-se notado este ano que a affluencia de forasteiros ultrapassa a dos anos anteriores, bem que muitos afirmem que o povo anda sorumbatico e triste, preocupado com o seu futuro, como se ele fosse capaz de encarar a serio os seus destinos!

O Senhor de Matosinhos que ha poucos dias se festejou, teve um brilho e uma grandiosidade que ha muito não atingia.

E' preciso reconhecer, contudo, que a ideia religiosa, embora em parte atenuada e esbatida, é ainda o fulcro sobre que gira este redemoinhar de alegrias e entusiasmos populares.

Sobre o Senhor de Matosinhos correm as mais variadas lendas, todas elas interessantes e poeticas. No Minho, por exemplo, diz-se que um dia, enrolados nas vagas do mar, arribaram á praia do Norte, no mesmo dia, embora em pontos diferentes, o Senhor de Matosinhos, o Senhor de Fão e o Senhor



1. Um dos pontos mais pitorescos do local onde se reúne o povo com os seus merendeiros.—2. No «parque». Um grupo deromeiros entre os quaes se destaca o ilustre «sportman» Oliveira e Silva.—3. Barracas de comes e bebes. («Clichés» Alvaro Martins).

TEATROS



Recita em homenagem a José Carlos dos Santos no Teatro Nacional

A figura romantica, brilhante, do grande ator que foi José Carlos dos Santos teve, na semana finda, no Teatro Nacional, uma evocação de nobre simplicidade. Entre palmas e flôres, foi inaugurado oficialmente o seu busto; entre figuras do seu repertorio foi, no palco, resuscitada, na prosa e no verso, a sua gloria artistica e a sua desgraça maior ainda que a sua gloria.

José Carlos dos Santos foi dos poucos atores portugueses a quem, com propriedade se pôde atribuir a categoria de mestre. Ser mestre supõe uma coisa—ter discipulos. Ora Santos Pitorra teve discipulos, deixou discipulos—e alguns d'elles, como Alvaro, Virginia, Gil, Augusto de Melo, ainda, n'essa qualidade, vieram participar da festa de ha dias.

Santos Pitorra deixou assim no nosso teatro uma obra que foi além da sua propria vida e da sua direta e notavel ação histrionica: o seu nome e o prestigio dos seus ensinamentos perduraram atravez de toda uma geração de comediantes. Não

criou uma escola, porque em teatro não ha escolas—mas afirmou, em torno de si, uma influencia.

São raros, pela propria natureza efemera da sua arte, os atores que atingem esta invejavel supremacia—sobretudo, em Portugal, onde o ator foi e é, quasi exclusivamente, com poucas exceções, uma creatura de instinto que nunca cultivou, disciplinou e tornou uma força consciente e suggestiva esse instinto.

Na historia do teatro portuguez, cabe, pois, um nobre lugar ao illustre e infeliz José Carlos dos Santos, cuja cabeça brilhante e rebelde do Teatro Nacional vae possuir n'um marmore de Costa Mota. Ele foi duplamente alguem—por si e por aqueles que o seu vivo amor artistico guiou e animou. Temos o dever de o recordar, mesmo quando tenha desaparecido por completo a tradição das figuras romanticas do teatro a que ele, com a sua voz, a sua alma e a sua cabeleira de inspirado, imprimiu a sedução do talento. D'aqui a meia duzia de anos, a «Vida d'um rapaz pobre», a «Maria Antonietta», já poeiritanas reliquias hoje, serão mortas e esquecidas coisas. Mas o nome de Santos Pitorra será ainda e sempre—uma lembrança e uma lição.



1. Uma cena do «Marquez de Villerers»—Virginia, Brazão, Quelroz, Lucinda Simões e Alvaro.—2. Uma cena da «Maria Antonietta»—Carlos Santos, J. d'Almeida, Gil, Leonor Faria, Amelia Vieira, Palmira Bastos e a discipula do Conservatorio Celeste Leitão.—3. O busto de José Carlos dos Santos, no palco do Teatro Nacional, cercado por algumas figuras evocativas do seu teatro, representadas por Augusto de Melo, Joaquim Costa, José Ricardo, Joaquim d'Almeida, Gil, Pato Moniz, Virginia, Carlos Santos—(Clíchés de Benolle.)

O AUTOMOBILISMO PORTUGUEZ

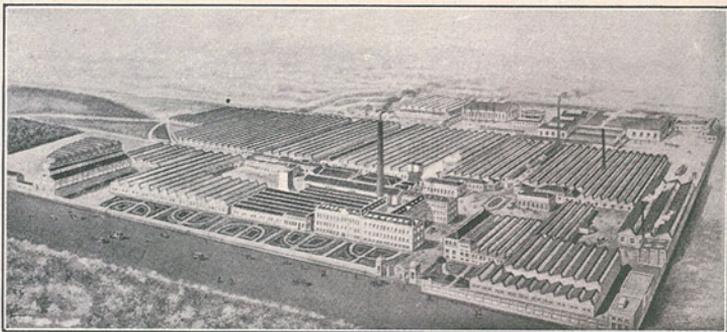
F. N. E ARIÈS

No PALACIO DE CRISTAL

Deve ter aberto hontem ao publico a exposiçõe de automoveis do Palacio de Criztal, no Porto. Organizada por uma comissõe de «sportmen» do norte do paiz, conduziram-se os trabalhos preparatorios com tanta intelligencia e dedicaçõe que o certamen resultará brilhantissimo, o que representa, indubitavelmente, um agigantado passo no «sport» automobilista portuguez.

E' de justiça acentuar, e isso o reconhecem as revistas estrangeiras da especialidade, que o nosso paiz foi dos que melhor receberam o automovel. Tanto assim que temos tido occasiõe de vêr, por essas ruas de Lisboa, carros tão bons como os que de melhor se vêem nas grandes capitães europeias. As grandes fabricas cuidam com especial interesse as suas agencias portuguezas que recebem a tempo e horas os mais recentes e aperfeiçoados modelos, prova mais que evidente de que os compradores de automoveis sabem já exigir as melhores marcas com os melhores aperfeiçoamentos.

A exposiçõe agora aberta no Palacio de Cristal é a demonstraçõe plena do que acabamos de afirmar. Concorrendo a ella as melhores fabricas do mundo tem o visitante occasiõe de apreciar os mais solidos e resistentes *chassis* e as mais commodas e luxuosas «*carrosseries*». E' realmente uma exposiçõe digna de vêr-se e bem haja os que trabalham, desinteres-

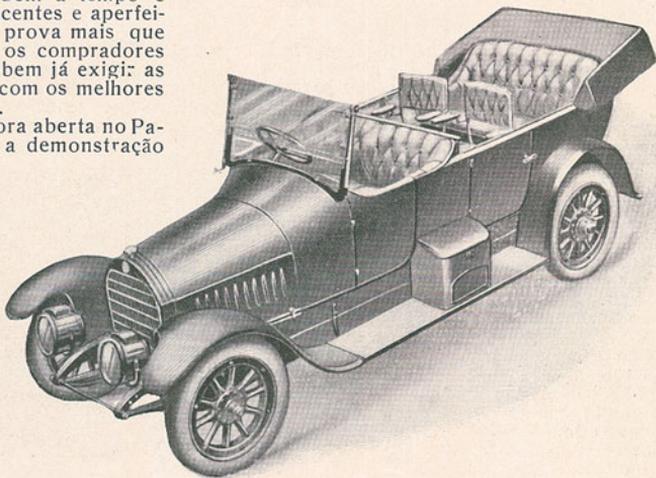


A fabrica F. N. em Herstal

sadamente justo é dizê-lo, para que ella resultasse tão brilhante quanto seria para desejar.

Uma breve visita pelos *stands* ainda em preparaçõe e logo se reconhecem, entre tantos tão bem apresentados, os da Auto-Lisboa. Representa esta casa duas marcas, hoje importantissimas nos mercados mundiaes: «F. N.» e «Ariès».

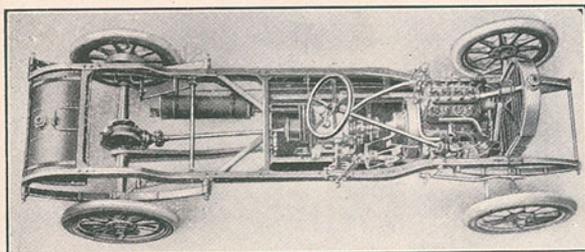
Não temos duvida alguma em assegurar que são dos mais lindos carros que temos visto no nosso paiz. E não só dos mais lindos, o que já é bastante, como dos mais



Torpedo F. N.

solidos e resistentes. Assim o afirmam os entendidos, o que aliás é corroborado pela aceitação que têm tido essas marcas nos grandes centros mundiais.

Em todos os paizes os automoveis «F. N.»



Um «chassis» F. N. 1950

são os preferidos de dia a dia, tornando-se cada vez mais numerosos os carros em circulação, e se mais se não vêem é porque a casa produtora, a Fabrica Nacional de Armas de Guerra de Hersta' os não pôde fabricar. São imensas as encomendas feitas e muito embora a fabrica tenha vindo a aumentar constantemente os seus meios de produção, a verdade é que se vê a braços com imensas dificuldades para atender os pedidos feitos. A Fabrica Nacional vai acompanhando a par e passo todas as evoluções do fabrico de automoveis, criando em cada ano novos tipos, aproximando-se o mais possível do carro ideal.

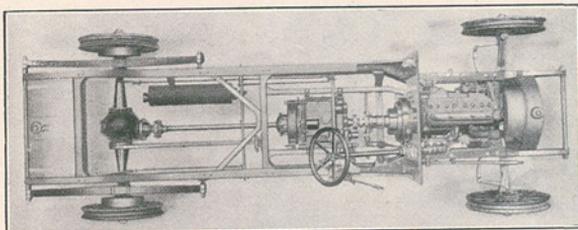
Preocupam-na igualmente a elegancia nas linhas de construção e a resistencia em todas as suas peças. São assim, egualmente carros lindos e carros solidos. Para isso dispõe ela, a par das suas oficinas providas dos mais aperfeiçoados maquinismos, de um pessoal adestrado que facilmente encontrará quem o eguale.

A Auto-Lisboa, apresenta na exposição a que nos vimos referindo dois chassis 1250 e 2700 A, e um carro completo, em *carrosserie* «bateau» com iluminação elétrica e dinamo Bosch, isto quanto á F. N.

Não cabe aqui, num ligeiro artigo, enumerar as

qualidades características d'estes chassis. Tornal-o-hiam demasiado pesado, porquanto só aos tecnicos interessaria. No entanto alguem que nos acompanha n'esta visita aos trabalhos preparatorios da exposição chama a nossa atenção especial para os chassis «F. N.». E como é alguem que entende do assunto não resistimos a reproduzir algumas das suas considerações.

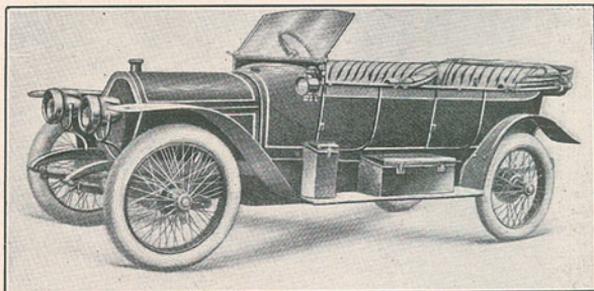
—Veja, diz-nos, como tudo isto é cuidadosamente feito. Os esplendidos materiais de que usa a «F. N.» e o metucioso cuidado que preside ao fabrico dos carros tornam-nos dos melhores que têm por aí apparecido. Ou não se tratasse de uma fabrica de guerra, com o seu nome já feito e os seus creditos firmados. E note agora —os carros poderiam ser solidos e resistentes mas de linhas deselegantes. Nada d'isso. Como vê o carro é bonito, bem apresentado, e d'uma comodidade extrema, deslisando suavemente.



Um «chassis» F. N. 2700 A

Qualquer que uma vez tenha passeado ou viajado num «F. N.» não prefere mais outro carro. Não lhe digo isto por espirito de réclame que a minha amizade aos seus representantes de Portugal justificaria. Não

senhor. Afirmo-lh'o por espirito de justiça que só bem compreenderão os que conhecerem realmente o «F. N.». Não ha inovação que estes carros não acusem. Para isso toda a construção obedece aos



Ariès 12/16 HP

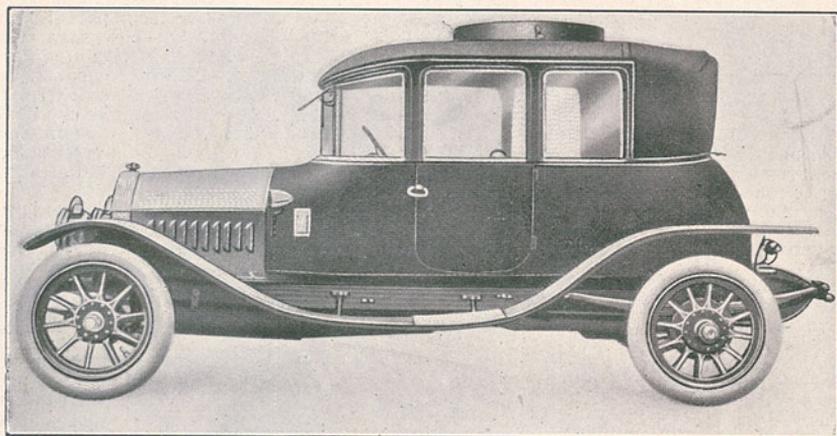
mais recentes moldes conhecidos sobre o assunto. Veja, por exemplo o motor, monobloco, de quatro cilindros. A perfeição do seu sistema de válvulas, tudo enfim quanto possa garantir um funcionamento perfeito e completo. A «allumagem» pelo magneto Bosch é o que de mais perfeito tem aparecido. O carburador, do tipo especial registado, a «embriagem», a «mudança de velocidade», e em resumo todas estas complicadas peças que compõem um «chassis» são fabricadas com um cuidado tão grande, uma tal meticulosidade que o «F. N.» vae-se impondo por esse mundo fora, a despeito da enorme concorrência que vem assoberbando os mercados do mundo.

E era verdade tudo o que nos disse o

Tem ele chamado, com muita justiça, a atenção das pessoas que o teem já visto. Entre tantos carros impôr-se-ha de certo pela elegancia das suas linhas, pela comodidade e sumptuosidade da «carrosserie».

«F. N.» e «Ariès» serão duas marcas que hão-de destacar-se na exposição. Os seus agentes, que não teem descurado um instante a sua representação do Palacio de Cristal, terão a satisfação de vêr bem coroados os seus esforços, o que constitue aliás um justo premio. O publico sabe bem apreciar de que lado está a razão e a justiça. Assim lhe não passarão despercebidos os carros a que nos referimos n'este artigo, verificando assim a exatidão das nossas considerações.

Tambem a «Ariès» constroe «Camions» para transportes industriaes de seis ti-



Um «F. N.» com direção interior

amavel visitante. O carro exposto pela Auto-Lisboa é de uma perfeição incontestavel. A «carrosserie» luxuosa e comoda, todos os accessorios primorosamente fabricados, não esquecendo o mais pequeno pormenor de luxo e comodidade. Asseguramos por todas estas razões, um seguro exito a este carro que muito justamente vem prendendo a atenção dos visitantes do Palacio de Cristal, do Porto.

A outra marca exposta pela mesma casa é a «Ariès» tambem já bastante conhecida no nosso mercado. São os seus automoveis igualmente bem fabricados, com todos os modernos aperfeiçoamentos, como o demonstra o esplendido carro em exposição no Palacio de Cristal.

pos, consoante a carga. Ha carros para carga de trezentos quilogramas até seis e meia toneladas. Encarrega-se ainda esta mesma casa de quaesquer outros carros para applicações diversas.

Os camions «Ariès» são já de reputação mundial. De uma solidez a toda a prova são os mais resistentes até agora conhecidos. Por todas estas qualidades se recomendam aos estabelecimentos industriaes «Ariès» e «F. N.» as duas marcas apresentadas na exposição do Palacio de Cristal do Porto que satisfazem os mais exigentes. Está nisso o seu maior reclame, que tambem de outro não precisa a Auto-Lisboa, que é a representante d'estas duas marcas em Portugal.

PEÇAMA ESTE HOMEM QUÊ LHES LEIA A VIDA.

O seu poder extraordinario de lêr as vidas humanas, seja a que distancia fór, assombra todos aqueles que lha escrevem.

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, bem tirado bom proveito dos conselhos d'este ho-
men. Diz-lhes quaes os destinos que as suas ca-
pacidades lhes prome-
tem e de que modo po-
derão atingir o bom exi-
to desejado. Indica-lhes
os amigos e os inimigos,
e descreve os bons e os
maus periodos de cada
existencia. A descripção
que faz do que diz res-
pello aos acontecimen-
tos passados, presentes
e futuros causar-lhes-ha
espanto, e servir-lhes-ha
de auxilio. E tudo
quanto eie precisa para
guiar no seu trabalho
limita-se a isto: o nome
da pessoa (escrito pela
própria mão d'ela) a da-
ta do nascimento e a
declaração do sexo.



E escusado mandai
dinheiro. (Tem o nome
deste jornal e obterão
uma Lettura d'Ensaio
gratuita. Se a pessoa
que isto lêr quizer apro-
veitar este oferecimento
especial, e obter uma
revista da sua vida, não
tem mais que enviar o
seu nome, apelido, mo-
neda e a data do seu
nascimento) (dia, mez e ano, tudo bem claramente
escrito e explicado), e, quer seja senhor, senhora ou
menina solteira, copiando tambem pela sua letra os
versos seguintes:

São milhares os que nos dizem
Que daes conselhos sem par.
Para atingir a ventura.

Quereis-me o caminho ensinar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade,
pode juntar ao pedido a quantia de 150 réis em es-
tampilhas portueguas (ou 500 réis em estampilhas
brazileiras) para despesas de porte e de escritorio,
envia a sua carta a Clay Burton Vance, Suite 2008
Palais-Royal, Paris, França. As cartas para a
França devem ser franquiadas com 50 réis, moeda
portueguez (ou 200 réis moeda brazileira).

Sabonele preparado
com os saes das Aguas
de **Mizella**
e melhor para a pelle

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Comprem a seda **Suissa**

Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão
em figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados,
Duquesa, Chinez, Crêpes da China, Musselina suissa
desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.
Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directa-
mente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E 11 (Suissa)
Exportação de sedas.

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito efficazes contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.
35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & Co
6, Rue Dombasle, 6
PARIS
E DOAS PHARMACIAS

Roses d'Orsay
Evoca o perfume da flor
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS

Colegio Nacional
SANTAREM
Internato de 1.ª classe pa-
ra meninas. Professoras
e estrangei-
ras, piano,
canto, pintu-
ra, arte applicada, etc., etc.

BAUME BENGUE
CURA TOTALMENTE
RHEUMATISMO-GOTA
NEURALGIAS

Dr. Benqué, 47, Rue Blanche, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

Guerra as Rugas
MOCIDADE ETERNA
A Arte de permanecer joven



É o eterno pesadelo da mulher, as rugas, por se-
m indício da mocidade que desanarece e da velhice
que sobrem. E portanto, quantas mulheres, apesar
d'essa mascara de velhice que lhes cobre o rosto, pos-
suem um coração joven e as forças e atentos da ju-
ventude.
Ah! se essas pavorosas rugas desaparecessem, po-
der-se-hia ainda s r joven.—Não desespere mulher. A
Electricidade que tantas maravilhas produz, consegui-
rá fazer-lhe desaparecer as rugas e adquirir um rosto
formoso e uma cutis lisa.
A Massagem da cara acompanhada com o incentivo
electrico favor ce a circulação do sangue atravez dos
musculos; **provoça um aumento de substancia mus-
cular forte** (cujo amolecimento é a causa das rugas)
produzindo a redondez das linhas do rosto e fazendo
desaparecer as rugas.
Remettem-se Instruções completas.—Preço Francos
35, Ré s-Portugal 75.000. Réis-Brazil 218.50. Enviar-
a importância por cheque ou Vale do correio ao Di-
rector do Gabinete P. R. MART.—Boulevard de
Picpus, 49—PARIS.



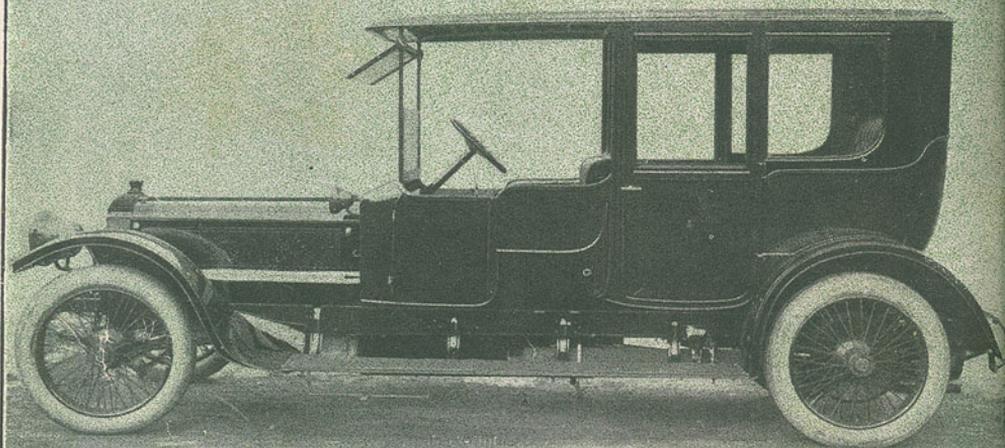
Fotografa
e reduzidissima
do APARELHO
DE MASSA-
GEM ELE-
CTRICA. Suas
dimensões são
de 190 X 90
m/m. Peso 500
gramas. Completa-
mente de
níquel; encera-
do em elega-
nte estojo.

"SALON" DE LONDRES, DE 1913

Automovel **DAIMLER** (Coventry)

DE

Sua Magestade a Rainha d'Inglaterra



EM

"GROS-PNEUS"

CONTINENTAL

880 × 135 EM JANTES DE 880 × 120

A VENDA EM TODAS AS GARAGES